

# Editorial

## Implicações do atual

Com imensa tristeza, lamentamos a perda de nossa querida companheira de *Percurso*, Bela Sister. Após 26 anos, pela primeira vez, a entrevista trazida por esta edição da revista não conta com sua parceria e cuidado. Em sua homenagem, escolhemos para a capa uma tela de seu parceiro de vida, Sergio Sister, e a seção Entrevista se inicia com caloroso depoimento de seus companheiros de trabalho.

Este número nos convida a pensar em muitas facetas nas quais incidências do atual mobilizam a psicanálise e suas implicações para o campo clínico e teórico. Diante dessa complexidade, a imprescindível abertura à interlocução com outras disciplinas se faz presente em muitos dos artigos e textos deste número.

A retomada do diálogo com a psiquiatria ganha relevo nos artigos que abrem a revista, “Psicanálise e psiquiatria: um diálogo necessário é possível” e “Um programa para renovar as relações entre psicanálise e psiquiatria”. Além de nos apresentarem os eixos em torno dos quais ocorreram as discussões do 1 Encontro Internacional da Seção da WPA sediado na Unicamp em fevereiro deste ano, manifestam a necessidade de uma Psicopatologia Crítica renovada, capaz de pensar o que está em jogo em sua própria produção e formular respostas aos desafios contemporâneos dentro de um horizonte ético e técnico, com vistas a incluir avanços significativos de outras disciplinas sem ceder a mecanicismos descritivos e simplificações etiológicas. Psicopatologia assentada na noção de escuta e na dimensão especificamente humana da clínica, não substituível por

psicofármacos, algoritmos e IA. Nessa direção, o artigo “Arte, loucura e humanização” presta uma homenagem ao psiquiatra pioneiro Osório Cesar, que, já na década de 20 do século passado, levou para dentro do hospital psiquiátrico o trabalho de produção artística com os “alienados”, procurando pensá-los a partir de ideias psicanalíticas. O texto destaca o papel da arte como elemento de humanização e resistência no universo da loucura, em sua relação com a saúde mental e criação de novos dispositivos.

A importância produtiva dos fenômenos culturais comparece também por sua implicação na elaboração de conceitos, com destaque para a incidência de determinantes sócio-históricos nas teorias, na prática clínica e na formulação de categorias diagnósticas e seus usos. Assim, o artigo “O inscrito e o opaco: facés estéticas do inconsciente freudiano” estabelece a relação entre o conceito de inconsciente, tal como formulado por Freud, e duas formulações que estavam em circulação na estética do século XIX. Outro artigo, que também investiga os momentos iniciais da psicanálise, “Feministas, pacientes e analistas: as mulheres na origem da psicanálise”, privilegia o aspecto sociopolítico, e, sem deixar de abordar a possibilidade libertadora da escuta das mulheres que se inaugurou com a psicanálise e sua participação desde muito cedo nos debates em curso, analisa como a produção teórica foi acompanhada pelas marcas do ambiente patriarcal discursivo que se infiltravam nas discussões e teorias possíveis naquele momento, inclusive no uso do diagnóstico de histeria, apontando a questões que têm ressonâncias significativas com os desafios enfrentados para pensar os destinos das sexualidades e as questões de gênero hoje. Já a marchinha “Chiquita bacana” abre o artigo “O que não se escuta e o que não se vê: reflexões sobre o racismo”, que propõe uma reflexão a respeito da mulher negra e o papel da babá na sociedade brasileira, dando visibilidade ao racismo com vistas a ampliar a escuta clínica.

“Algumas relações entre neurose obsessiva e ironia” faz uma revisão da teoria freudiana sobre

a relação entre neurose obsessiva e ironia, sendo esta considerada como uma figura de linguagem privilegiada para dar passagem aos desejos sexuais e agressivos. Vale destacar que, curiosamente, e coincidentemente, o filósofo italiano Franco Berardi, entrevistado neste número de *Percurso*, confere lugar especial à ironia, considerando-a como resposta possível aos impasses contemporâneos.

Em “Traumas cotidianos: refúgios e resistências”, a incidência do atual também é trabalhada, nesse artigo do ponto de vista de sua implicação na geração de sofrimento psíquico. O texto revisita de forma bastante abrangente o conceito de trauma e busca pensar formas de seu processamento, nos lembrando que “Não há saída individual para o trauma”. Por seu conteúdo e por se encerrar nos convidando a resistir coletivamente ao trauma e recriar novas utopias, o artigo estabelece um diálogo bastante interessante com as matérias aportadas pelas seções Entrevista e Debate, que tematizam as difíceis condições contemporâneas e suas repercussões psíquicas.

Na Entrevista, Franco Berardi nos convida a refletir sobre os impactos e impasses das forças atuantes na sociedade e nos psiquismos contemporâneos, nos oferecendo percepções e formulações originais e instigantes sobre as transformações em curso. Ele não arrisca soluções para os problemas que formula, mas perturba a inércia mortífera de nossa vivência no mundo atual, tecida tecnologicamente de impotência e ódio, apontando para uma nova ética que nos permita pensar sob outro prisma. Também chama atenção que encerre a entrevista reconhecendo um limite de seu pensamento, porquanto europeu, apontando a possibilidade de outras experiências filosóficas.

Ainda nessa direção, a seção Debate, cujo mote “Crise ecológica, crise psíquica” foi escrito antes dos últimos acontecimentos avassaladores ocorridos no Rio Grande do Sul e Pantanal, pergunta: “Por quais razões não avançamos em direção à sustentabilidade, que, em última instância, possibilitaria nossa sobrevivência?”

Arte e literatura marcam este número também com sua presença no debate clínico, nas resenhas e na seção Depoimento, que temos, mais uma vez, o prazer de incluir na revista.

Assim, sete resenhas de livros compõem a seção Leituras desta edição, e mostram, além das peculiaridades tanto da clínica quanto da teoria psicanalítica, as relações de proximidade e influência recíproca entre literatura e psicanálise.

Na seção Debate Clínico, o uso de algumas poesias que ampliaram a deficitária capacidade simbólica da paciente foi fundamental, permitindo uma melhor comunicação entre o par analítico em uma situação clínica na qual o negativismo, a desesperança, as intensas dores psicossomáticas e as permanentes ameaças de abandono da análise por parte da paciente colocaram à prova a resiliência da analista.

Com o texto “Entre golpes: o alfabeto enfurecido no *Boletim online 2016-2023*”, a equipe do

Boletim não apenas registra momentos significativos da história do Departamento de Psicanálise e do próprio Boletim, inclusive repercutindo os efeitos e reflexões suscitados por nossa história política, como apresenta uma resposta possível – importante, afetiva e vigorosa –, um convite a estar junto no coletivo como forma compartilhada de resistir, transmitindo a alegria e vitalidade de sustentar lugares de partilha pelo exercício da escrita. E da arte!

Intensificando laços e trocas, a revista *Intercâmbio Psicanalítico* passou a divulgar em seu site os links das diferentes publicações das instituições que integram a Flappsi, e dentre eles o link da *Percurso*.

Com prazer divulgamos também o link da revista: <https://intercambiopsicoanalitico.org/ojs/index.php/IPSI>

Boa leitura!